



**“Por mais que dure bastante tempo na água, o pau não vira jacaré”:  
encruzilhada de tempos, sabedoria, e esperança na Tabanka Blom localizada na atual Guiné-Bissau**

Lilian Aldina Pereira Mendonça e Mendonça (Lilian Mariacó Kumá Katchaki)<sup>1</sup>  
Pâmela Marconatto Marques<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo autoetnográfico compartilha uma parte do caminho no campo da tese em andamento. A tabanka escolhida para campo é Blom. A tabanka para povos que habitam atual Guiné-Bissau é uma terra onde o mundo invisível, a vida humana, vida animal e das árvores integram-se uma na outra e interagem com as águas que os(as) envolvem permitindo o acesso ao equilíbrio. A Blom é habitada pelo povo Pepel, povo que a sua força e dedicação na manutenção da sua espiritualidade, de geração em geração é reconhecida e observável. Dar a voz a este lugar e permitir de forma mais profunda, ser narrada longe das lentes do ocidente evidenciando as forças nutridas dentro dela é o nosso objetivo. Ademais, o desmembramento da classificante geografia de hegemonias e subalternidades pautada na lógica colonial do Banco Mundial e da Organização das Nações Unidas e sua agenda de desenvolvimento estabelecida e demais agências e agendas colonizantes que não reconhecem seus erros, suas violências, suas arrogâncias, falhas dos seus modelos progressistas/desenvolvimentistas que adocece o planeta. O respeito e consideração demonstrada a terra que sustenta e lugar que alimentará as próximas gerações, o reconhecimento e a aceitação da generosidade desse chão que nutre foi o ponto mais alto, elevado e encantador no campo. O conceito da “tecnologia de vila” do Albert Tévoédjré foi abraçada no lugar de força que é “a abertura à tecnologia, que não aceita só a eficácia, mas também a libertação”.

Palavras-chave: Tabanka Blom, Terra, Espiritualidade, Tecnologia de Vila.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutoranda PGDR/UFRGS. [lialdina276@gmail.com](mailto:lialdina276@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Dra. na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/PGDR.  
[pam.marconatto@gmail.com](mailto:pam.marconatto@gmail.com)

## Introdução

Neste artigo compartilho uma parte do meu caminho no campo da minha tese, já qualificada e caminhando para a defesa.

Nossas licenças a todas as forças, entidades e divindades da Região de Biombo localizado na atual Guiné-Bissau, por estar escrevendo retorno a esse território sagrado. É de conhecimento e de respeito de todos os povos que constituem a chamada Guiné-Bissau, a força e dedicação do povo Pepel na manutenção da sua espiritualidade, de geração em geração, como forma de manter viva a essência enquanto uma nação sólida - desvinculada da leitura ocidental de nação.

Etnia pepel, como muitas outras etnias africanas, tem a sua estrutura sólida organizacional, seu idioma, seus rituais, sua ciência, seu território e outros. O Setor de Biombo é composto por várias tabankas<sup>3</sup>. Blom é a antepenúltima tabanka, é composta por seis moransas<sup>4</sup> (Có, Tanah, Plut, Osou, Knun e Ksup) e 2.883 de habitantes (em 2009) de acordo com o censo do Comitê do Estado de Quinhamel, capital de Região de Biombo.

Dar ao campo a voz e permitir que ocupe lugar de enunciação de forma mais profunda, narrar esse lugar que tempo todo é colocado em cheque na leitura de pobre, miserável, fracassado, esfomeado e muitos outros adjetivos depreciativos é o nosso objetivo. São atribuídos a nós de forma homogênea todos esses estereótipos por pessoas que se julgam superiores e civilizadas, que ao mesmo tempo não estão tendo coragem o suficiente para admitirem seus erros, suas violências, suas arrogâncias. Admitir o engano e a falha dos seus modelos progressistas, desenvolvimentistas e a obediência do mundo em segui-los cegamente como “bois engordados, indo para o abate”. Trazendo fala do pensador Djanuno Dabo, “estamos na era do aquário, a água está cada vez mais limpa e vamos conseguir aos poucos observar todas as sujeiras no fundo. Todas as mentiras, perigos, roubos, genocídios e outros do ocidente estão sendo expostos pelo mundo todo”. Em coro com Djanuno, as vozes do quilombo, povos originários e tradicionais do dito

---

<sup>3</sup> São formadas por um conjunto de Moransas. Definem o lugar da construção cultural, concretização familiar, orientação espiritual, iniciação religiosa, centro de comércio e lugar de realização de conselhos e reuniões políticas das comunidades. Quando situada na floresta, a Tabanka torna-se lugar central à prática espiritual do Baloba (que remete à dimensão física do terreiro e simboliza o lugar nas matas sagradas onde as incorporadoras da ancestralidade, as Balobeiras, vivem e fazem as consultas espirituais) e à prática da iniciação Fanadu (prática de iniciação sagrada que marca a transição de faixa etária e suas ocupações e atribuições entre os mais novos e os mais velhos nos povos da atual Guiné Bissau) nas matas sagradas (DA SILVA, 2017).

<sup>4</sup> Unidades habitacionais de famílias agregadas.

terceiro mundo têm provado que são os únicos caminhos saudáveis, sustentáveis e circulares para esse planeta, pois sabemos o que nos encurralou para antropoceno - capitaloceano que ousou chamar aqui de homembrancoceno.

Poder tornar esse lugar sagrado de campo num trabalho científico se colocar nele é desafiador. Recorrer a autoetnografia muitas das vezes é ser localizado no lugar de um egocêntrico, mas para mim é o sentido inverso e é bem mais profundo, muito mais delicado para o contexto acadêmico. Pesa muito para mim a exposição, gera a insegurança, me faz questionar se realmente seria ali uma maneira de produzir o conhecimento, ou então, se deveria expor de forma tão profunda nossas vivências e cosmopercepções, a sensação negativa de trazer o que é íntimo à tona. Uma escrita autoetnográfica envolve um descobrir de quem está escrevendo também, um descobrir da pessoa que vai desabrochando na arte de escrever dialogando com o seu interior, trazendo equilíbrios que há dentro dela para colocar para o mundo, é uma escrita corajosa, libertadora e que cura. É assim que eu vejo a autoetnografia porque para mim foi assim essa transição de eu me amar escrevendo.

Quando quem escreve é uma mulher lida no ocidente por negra vinda de contextos marcados pelo sofrimento colonial, escrever também é lutar para que esse lugar de produção de conhecimento seja concebido como válido e legítimo.

### **Escolha da Tabanka**

A tabanka escolhida para campo é uma tabanka de onde minha mãe me conseguiu, onde fui concebida espiritualmente. A Medicina convencional diagnosticou minha mãe como uma mulher que não poderia conceber uma criança no seu ventre, ela, não satisfeita, recorreu à cura tradicional por via das balobas<sup>5</sup>, Irãs<sup>6</sup> e todas as forças e entidades que poderiam abençoá-la com uma criança. No momento em que quase ia desistir da jornada de me ter, sua amiga (tia Helena) de etnia pepel a aconselhou que tentassem na sua tabanka, Blom. Minha mãe, já cansada, disse-lhe que já não aguentava mais a busca, que também já havia feito de tudo e nada havia conseguido e que talvez devesse aceitar o ocorrido como seu destino. Lembro-me da minha mãe contando que naquela noite,

---

<sup>5</sup> Que remete à dimensão física do terreiro e simboliza o lugar nas matas sagradas onde as incorporadoras da ancestralidade, as Balobeiras, vivem e fazem as consultas espirituais.

<sup>6</sup> Entidades não humanas de essência espiritual, vinculados a algum elemento da natureza – podendo ser guardião e protetor familiar.

sonhou com o Irã de tio Zé Có (balobeiro), ele a procurou e puxou-lhe a orelha, falando “não duvides de mim, se quiser que sua orelha desinche! Procura-me que vou te dar criança”. Minha mãe contou que amanheceu com a orelha inchada e o relatou para meu pai e sua amiga. Assim foram para Blom e quando lá chegaram, tio Zé Có as recebeu e logo lhe perguntou sarcasticamente “hmm você veio” e assim a levou para fazer o ritual que originou meu retorno ao ventre da minha mãe.

Semanas depois, minha mãe constatou que estava grávida. Apesar de sermos do povo Baúla (mankanha), fui malgosadu<sup>7</sup> e trazida de volta pelo povo pepel. Tio Zé Có escolheu dois nomes, para se no caso eu fosse menino ou menina. Caso eu viesse menino, repetiria o nome dele, e como vim menina, me deu o nome de Mariacó (Có di Bandé - da terra sagrada) que é como todos e todas que não me conheceram na escola me chamam.

Eis o motivo forte da escolha de Blom para o campo da tese. A escolha dos interlocutores e interlocutoras não foi feita, simplesmente aconteceu de forma natural, num djumbai<sup>8</sup>, elas e eles foram chegando por uma simples conversa que estava acontecendo na casa do tio Zé Có, inicialmente. Os laços foram se trançando no que se tornou um círculo para mim, que escrevo, e elas e eles, que falavam comigo, para mim, como verão na sequência.

Ir a campo é levar consigo tantas expectativas, frustrações, vontade de querer resolver tudo, pressupor ter problemas e já saber fórmulas, vontade de absorver tudo, e muitos outros sentimentos atravessados. Meu caso não foi diferente, vestida de estágio de alerta constante na qual é viver num lugar reprodutor do ocidente, a fervorosidade de buscar a restauração da população “negra”(diaspórica africana) mantida em cárcere a céu aberto no Brasil e muito medo de que Blom, assim como todas tabankas, sejam afetadas de maneira letal como a capital, Bissau. Isso me desestabilizou. O meu querer viver com base no *anturdias*<sup>9</sup> ganhou um novo hoje graças às minhas interlocutoras e meus interlocutores, o que uma mente carregava como possibilidade de caminho para proteger

---

<sup>7</sup> Malgosa é encarado de duas maneiras ou dois sentidos, uma como período de sacralização e honraria ao ritual de passagem do pai ou da mãe para nós Baulas e outro sentido é o processo do retorno físico por via espiritual de um lugar sagrado.

<sup>8</sup> É um momento onde o coração é convocado a entrar na roda de conversa, de risadas, contação de história e muita diversão, mau humor não é bem vindo, é um momento de leveza, da digestão, do entardecer, momento antes de ir dormir. As trocas são aleatórias à medida que a pessoa envolvida se sente tocada.

<sup>9</sup> Na tradução literal significa antes de ontem, mas que trago aqui como período antes da invasão colonial, antes dos atravessamentos ocidentais, onde cada povo edificava sua cultura com seus princípios.

do bombardeamento da ocidentalização foi transportado para frente. Será um novo hoje? Ou um novo amanhã? Ou talvez um novo depois de amanhã? Levando em conta que "o hoje é o irmão mais velho do amanhã, como um orvalho forte é o irmão mais velho da chuva", esse é um dos ditados africanos transcrevidos por Carter G. Woodson.

Esse artigo mostra a força que a ida ao campo de pesquisa tem, a honestidade exigida e a ética do cuidado na escrita. Poder trazer todas as pessoas que estiveram na minha caminhada até nos dias atuais é não exaltar o meu eu, pois ele jamais existiria se não fossem essas pessoas que estiveram comigo, os Irãs<sup>10</sup>, meus e minhas ancestrais e todas as forças que carregam e dividem comigo essa temporada na terra. Por ser uma pesquisa autoetnográfica abraçada de djumbai, escrevo em colaboração com elas e eles. Aqui peço emprestada a fala da Marques (2017):

“Uma ética do cuidado aplicada à pesquisa vai constituir-se como opositora da lógica extrativista que impera nas investigações sociais, marcada, por exemplo, pela imposição de uma agenda que, embora externa à comunidade estudada, espera-se seja atendida por ela com rapidez, coerência e docilidade; pela despreocupação com a atribuição de autoria a conhecimentos compartilhados conosco por autoridades e/ou lideranças populares; pela naturalidade com que se impõe o não retorno à comunidade estudada dos resultados a que se chegou mediante a sua colaboração, ou, ainda, pela incapacidade de sequer cogitar produtos da investigação além do texto científico, capazes de apoiar as lutas em que se debatem os grupos pesquisados.

Trata-se de buscar outras experiências de conceituação, outros modos de relacionar-se com um texto para além da captura da fonte. De problematizar os lugares de fala que usurpo quando assumo o lugar de enunciação do outro, indo além do apuro semântico que dá preferência a conjunções mais generosas - evitando sobre, preferindo o com - e radicalizando o potencial desse encontro. Poder-se-ia mesmo dizer que, uma vez que admite os limites de uma mirada sempre parcial – porque situada - trata-se de um modo de estar na pesquisa consciente de suas miopias e pontos-cegos, que vem sendo buscada e esboçada por inúmeros coletivos latino-americanos dedicados a pensar metodologias em colaboração.

Já de antemão, proponho o exercício de entendê-las por sua inversão: se houve necessidade de falar-se em pesquisa em colaboração é porque o paradigma hegemônico que compõe as tessituras epistemológicas com as quais se costuma fazer ciência está centrado em uma ideia de indivíduo-agente do processo de pesquisa que, socorrendo-se de um cultivado acervo teórico e da capacidade de aplicá-lo ao campo, percebe-se solitário nesse empreendimento. Entende responder exatamente assim – solitariamente – pelos eventuais méritos de uma

---

<sup>10</sup> Entidades não humanas de essência espiritual, vinculados a algum elemento da natureza – podendo ser guardião e protetor familiar.

leitura “precisa” e “adequada” do campo em relação ao qual se entende especialista e liberado de qualquer retorno à comunidade estudada”.

### **O Despencar dos Pilares que Seguram o dito Primeiro Mundo: despindo o Ocidente**

Pâmela Marconatto Marques é uma socióloga brasileira, na sua tese de doutorado (2017), cujo título é “*NOU LED, NOU LA. ESTAMOS FEIOS, MAS ESTAMOS AQUI: assombros haitianos à retórica colonial sobre pobreza*”, expõe de forma muito sólida e profunda a arrogância e a anti(ética) do Norte sobre o Sul, dando voz às Ciências Sociais produzidas em Haiti, um lugar lido apenas como miserável, como é o caso da atual Guiné-Bissau, para ocidentais e ocidentalizados. A autora vai tratar da geografia de hegemonias e subalternidades pautada na lógica colonial, onde a Organização das Nações Unidas e sua agenda de desenvolvimento é estabelecida para ser seguida por países nomeados de “3º mundo”, criando uma lista daqueles que seriam os 50 países mais pobres, inicialmente chamada “lista de países inviáveis” ou “fracassados”, onde se localiza a atual Guiné Bissau. Ela traz como questão da sua tese a perda do “lugar de enunciação”, desses países ditos periféricos entre os periféricos e sua deslegitimação pelo suposto “fracasso” na execução de um projeto de cuja definição sequer participaram. Pâmela nos diz que o fato de a maioria desses países localizarem-se no continente africano não é coincidência, que a consequência dessa maquinaria é o silenciamento dos saberes e práticas desse continente e de sua diáspora, desperdiçados como produtores de alternativas aptas a serem compartilhadas e traduzidas entre os povos do Sul.

De acordo com o Banco Mundial (2017) esses 50 países concentrariam pessoas que possuem renda inferior a um dólar e noventa centavos (US\$1,90) por dia. Essa métrica classifica automaticamente essas pessoas como aquelas que vivem na extrema pobreza. Esse índice passou a ser utilizado em 2015 e é calculado com base na paridade do poder de compra, indicador que considera a necessidade do indivíduo a partir da questão nutricional de subsistência, convertida em dinheiro (Machado e Marques, 2021).

Lembro-me sempre ver e escutar muitas pessoas falando e escrevendo sobre atual Guiné-Bissau ter pessoas a viver com renda inferior a um dólar e noventa centavos (US\$1,90) por dia, com sentimento carregado às vezes de pena e lástima, outras vezes com o reforçar da leitura do Banco Mundial como verdade absoluta e raras vezes distante desse lugar da conversão da questão nutricional em dinheiro. Porém, na tabanka a

circulação da moeda não é forte pela solidariedade material e não mercantilização de forma exacerbada dos chamados “recursos naturais” - que ousou chamar aqui como elementos da natureza. Se são coisas que nasci e vi como a relação com eles é dada, por mais que queira, não teria como exigir e abusar desses elementos, por isso a gratidão de colher o que foi dado de acordo com a condição climática. Quando as tias riram perguntando “*e a gente por acaso sabe quantas bacias de tomate conseguimos na última safra?*”, não estavam me dizendo que são desorganizadas, ou ignorantes. Eu tomei essa resposta como maravilha, de que “*aceitamos a generosidade desse chão em nos sustentar*”, sem precisar submeter seus frutos a uma métrica desnecessária para nosso sustento. Respeitar o lugar que te sustenta e pensar nele como lugar que vai beneficiar as próximas gerações é um cuidado muito grande.

O ocidente tem uma dinâmica de enganação e indução que utiliza tão bem para se apropriar das coisas que ele mesmo utilizou e incentivou o abandono. Somos cientes dos argumentos usados sobre crescimento populacional, que fez muitos países embarcaram na modernização da agricultura - a Revolução Verde, adoção da agricultura não sensível à nutrição, onde tivemos como resultados e consequências o desmatamento, a compactação do solo, a utilização desenfreada de fontes de água e a poluição causada pelos produtos químicos. Como impactos, a quebra do equilíbrio ambiental natural assim como prejuízos para animais e plantas, ou seja, se teve como foco o lado da oferta, o que incentivou artificialização, tal como o uso da biofortificação de alimentos, nutracêuticos e sintéticos, *fake foods* (carnes de laboratórios por exemplo) e outros. Podemos dizer também que o fator dito globalização internacionalizou o sistema alimentar. Então estamos falando de tecnologias criadas para responderem a esse aumento populacional que acabaram gerando aumento da obesidade, doenças crônicas, como diabetes, colesterol alto, hipertensão, cânceres e outras.

Nessa Globalização não podemos esquecer que os “globalizadores” são os colonialistas e seus descendentes e os “globalizados”, os ditos de terceiro mundo, na sua maioria ex coloniais. O caminhar em ambivalência é comum entre muitos. O camponês marginalizado, como denomina o Albert Tévoédjré (1981), agora “é ensinado que precisa adquirir mercadorias industrializadas para ser “desenvolvido”. O autor reforça que isso não passa de uma mera “aparência que engana, tornando-o submisso ao dinheiro”. A agricultura só permaneceu “tradicional”, nas regiões à margem do mercado mundial,

como certas regiões da África ocidental, muito distante dos portos. Nos outros lugares, as agriculturas vão sendo caracterizadas como “práticas rudimentares”, “com produtividade e rentabilidade frágeis”, e vão progressivamente desaparecendo, sendo substituídas. Toda vez que uma cultura lucrativa permanece nas mãos dos camponeses, pode-se concluir que é difícil tornar rentável a produção através das técnicas modernas, mas também isto é provisório. Também aquelas empresas em que as técnicas tradicionais poderiam ter o seu valor não escapam aos ataques externos (TÉVOÉDJRÉ, 1981).

Aqui acrescento também que não é apenas pelo fato de estar à margem do mercado mundial, mas também de seguir na manutenção dos saberes deixados pelos antepassados - por mais que sejamos todos afetados e afetadas de alguma maneira com a colonização - por isso aplauso as tabankas africanas, aos quilombos nas américas, aos povos originários, povos tradicionais na Ásia e todos que mantiveram sua relação com a terra como integrante da natureza quanto qualquer outra vida. Por toda violência feita sobre seus corpos, permanecer nessa condição, observar todas as voltas que o mundo faz e acabar voltando para eles mesmos, ainda que de forma tímida, já é uma esperança para a dita humanidade.

Nesse ponto, vou abraçar o conceito da “tecnologia de vila” do Albert Tévoédjré (1981), onde ele nos fala que:

As sociedades camponesas normalmente sabem adaptar racionalmente seu habitat ao espaço e ao clima; não há ruptura entre o homem e o seu ambiente; não há "perda de conexão" em relação aos elementos naturais regionais que são utilizados da melhor maneira para obter uma boa proteção. As técnicas tradicionais de construção de moradia em casamance (fronteira da atual Guiné-Bissau e atual Senegal) permitem uma nítida diferença de temperatura na sombra dentro e fora de casa. Há regiões em que a falta da eletricidade elimina imediatamente a possibilidade de recorrer a utensílios aperfeiçoados; entretanto, existem, sem dúvida, naqueles lugares, conhecimentos técnicos menosprezados ou caídos em desuso sob o impacto da "modernização", que deveriam ser reutilizados.

Esse exemplo se encaixa muito bem para Blom, onde ainda não se tem acesso à energia elétrica, continua-se seguindo a produção de acordo com os saberes locais em uma boa parte, porém afetados com o impacto da "modernização", pois têm problemas novos desconhecidos que acabam demandando soluções fora da tabanka, como é o caso



dos uriks<sup>11</sup>, das pragas que estão enfrentando, entre outros. Este artigo está assumindo um projeto junto à tabanka de buscar caminhos para resolução dos problemas enfrentados dentro de koitadesa<sup>12</sup> ecoando essas vozes para o mundo. Num futuro, permitir a utilização de tecnologias que poderiam partir da própria Blom, utilizando fontes naturais, armazenamento da produção abundante, como é o caso das frutas, principalmente.

Mesmo com a abertura que esse conceito de Tévoédjré nos dá à tecnologia, ele ressalta que não basta que uma tecnologia, mesmo simples, seja apenas eficaz; é preciso também que seja "libertadora". E argumenta que o que chama de "técnica libertadora" é uma técnica não imposta de fora, mas procurada e aceita pelas populações e até mesmo criada por elas, integrada, assim, na prática de um grupo que tem seu objetivo definido. Tal técnica, por tudo isso, torna-se "criadora de riqueza". Blom sofreu a falta dos tubos que muitas outras tabankas vêm usando como modo de contenção dos uriks disponibilizados pela FAO para as tabankas que foram estudadas por ela. Esses tubos impedem que a água salgada invada a bolanha, garantindo a produção de arroz em grande escala, que sirva para consumo sem precisar recorrer aos importados. E concordo com Albert Tévoédjré quando ele fala que "em todos os níveis, o espírito inventivo, a criatividade dos indivíduos deveriam ser encorajados". Inclusive o propósito deste artigo é este, não ceder às distrações e prazeres temporários oferecidos por soluções alardeadas pela modernidade, sem atenção a seus custos.

Dito isto, volto a afirmar que estou ousando escrever aqui com o meu coração, meu espírito, junto das árvores, dos rios, dos mares e do vento, me transportando para a memória compartilhada com colaboradores e colaboradoras dessa escrita. E dizer que estou escrevendo e produzindo conhecimento com suas próprias contradições internas, de modo a validar mesmo essa ambivalência, quebrando a postura unilinear, dita coerente, de fazer ciência e produzir conhecimento válido.

Se o meu campo o tempo todo me leva a ambivalências, narrá-las é um desafio que aceitei e que tento realizar aqui com toda ética e respeito, não diminuindo de alguma forma a tabanka e nem me mutilando, ao me colocar no lugar de superioridade, uma vez que esse lugar me trouxe à vida, vim ao mundo pela tabanka! Tempo inteiro tabanka me

---

<sup>11</sup> São barreiras feitas para proteger bolanhas e assim proporcionar uma ótima safra

<sup>12</sup> Viver, partilhar e compartilhar do que a natureza proporciona sem contar com as políticas governamentais.

chama, não sou um corpo dócil que cedeu ao colonialismo! O provérbio que o título carrega, em kriol<sup>13</sup> fala que “po pudi tarda o tarda na iagu, i ka ta bida lagarto” que traduzido fica assim, “por mais que fique na água, o pau não vira crocodilo”. Não é porque estou fazendo minha formação no ocidente me isso me torna uma ocidental! Pelo contrário: o tempo todo, estar no ocidente me ativa ensinamentos e minha formação enquanto mulher africana. Ao deparar com situações muito distantes da leitura do mundo que me foi ensinada, tudo se torna foco de alerta e ponto de atenção. Mesmo assim, venho pedindo nas rezas a sabedoria para distinguir qualquer desequilíbrio a que minha escrita possa estar sujeita.

### **2.1. Alguns Trechos dos Djumbais: desígnios de Blom**

Voltando para meus interlocutores e interlocutoras, uma questão me acompanha: quando Pápa lamenta a temperatura dentro de casa, por conta da cobertura de zinco, e ao mesmo tempo continua com ela - nas últimas semanas antes de eu deixar Blom a casa da sua mãe estava sendo coberta com zinco - por que” *vestir uma camisa que coça no corpo*” ? Ela serve se ao vesti-la te desloca do lugar de koitadesa, uma vez que este não seja um lugar de agrado, e na capital uma boa parte das casas são dessa cobertura, então já é um pé dentro do “desenvolvimento”. Entendo essa leitura para a primeira casa da tabanka, mas por que reproduzir seu desconforto na casa de sua mãe?

Na figura 1 podemos ver a cobertura da casa onde tivemos djumbais longos. Ela é de zinco, porém o costume é a cobertura ser de palha figura 2. Zinco está ganhando espaço cada vez mais nas tabankas, em Bissau quase não se vê mais cobertura de palha.

---

<sup>13</sup> Idioma de unidade territorial na atual Guiné-Bissau.



Figura 1: Casa do tio Zé Có  
Fonte: acervo da autora

À falsa ilusão de que é de grande risco uma casa com cobertura de palha, muitas pessoas embarcaram na cobertura de zinco com asnas<sup>14</sup> muito grande. Como resultado, as casas esquentam bastante. Como estávamos sentados na varanda, Pápa começou a lamentar: "fomos enganados de que essa cobertura era melhor, porém não aguentamos mais o tanto de calor que faz! Me sinto num forno. Que saudades da cobertura de palha!". Perguntei por que trocou de cobertura (palha para zinco), aí ele respondeu que "deixa aspecto ultrapassado e faz pensar que a pessoa não tem condições para adquirir o zinco", já que todo mundo está adotando o zinco e considera-se que deixa a casa com melhor aspecto. Ao invés de ler o que me diziam somente como derrota de um modo de vida, trato de ver mais. As táticas adotadas pela população para desviar, driblar, a leitura euronorte centrada da pobreza, que rebaixa interlocutores, que faz deles coitados a serem inseridos na modernidade.

As telhas de zinco, mesmo incômodas, pouco frescas, impróprias para o lugar, cumpriam ali a função de vestir minimamente o território, para que não fosse tomado como absolutamente incapaz e destituído. Os custos disso eram conhecidos e assumidos pela comunidade. Mesmo assim, muitas casas ainda são cobertas de palha, seu interior é considerado fresco, além da sua beleza e diálogo com a terra e as árvores.

---

<sup>14</sup> Estrutura de suporte da cobertura da casa.



Figura 2: Casa de palha.  
Fonte: acervo da autora

Arquitetura engenhosa existe em todos os continentes. Em todo o lugar, o ser humano encontrou uma resposta peculiar ao desafio dos espaços naturais. Mas, infelizmente, um pouco por toda a parte, os materiais tradicionais são substituídos por materiais importados. Cobrir a casa com telha de metal se tornou, na África, um sinal de prestígio. Mas a telha de zinco transforma a casa em um forno sob o sol, ou é uma caixa de ressonância sob a chuva (TÉVOÉDJRÉ, 1981). Onde as pessoas usam cobertura de metal como sinal de prestígio, também manifestam interesse pela estrada asfaltada que foi recusada anteriormente, no período colonial.

Pelas histórias narradas até nos dias atuais, o Setor de Biombo teria recusado o dito desenvolvimento, travando a chegada das estradas, alegando que através delas se formam cidades coloniais, gerando perda de valores tradicionais locais e declínio da espiritualidade, isto já na época colonial, perdurando até os dias atuais. Que as estradas permitiram a chegada de outras culturas e a dominação colonial no período antes da dita independência, na medida em que a cidade se aproximava nas secções anteriores ao Biombo, as moransas e, conseqüentemente, as tabankas, adentravam nas matas.



Figura 3: Fim do Asfalto  
Fonte: acervo da autora

A figura 3 mostra o fim do asfalto e de lá para frente é toda terra batida, caminho de difícil acesso para carros pequenos, transportes que vão não são muitos, e acaba sempre lotando por conta da demanda dos moradores. Esses transportes que fazem a frota para Biombo são privados e em uma boa parte do tipo Mercedes-Benz T1 Kombi, que, de certa maneira, não comporta um espaço suficiente para levar cargas, além da exaustão de fazer o caminho que balança muito o corpo e fazer ida e volta no mesmo dia. E esta foi uma das lamentações das agricultoras de Blom: alega que não consegue mandar seus produtos para vender na capital por conta da má logística. Dentro mesmo de Blom ninguém confirmou a história que se ouve na dita capital Bissau: de que na época colonial três anciões, junto de entidades e outras forças invisíveis, fizeram juramentos e promessas de não permitir construção das estradas até Biombo e, assim, todas as vezes que os portugueses tentavam construir estradas, os instrumentos paravam de funcionar e isto aconteceria até os dias atuais. Essa é uma história que percebi deixar as pessoas em Blom desconcertadas. Alegaram que jamais fariam algo parecido para lhes prejudicar. Essas são as lamentações que ouvi quando falamos num djumbai, já na bolanha com as tias, Ampandi, Njilabah e Kifinhi acrescentaram que:

Não temos carros aqui, os políticos nos enganam no período de campanha eleitoral para votar neles e depois somem. A questão não é que negamos a estrada, mas têm que avisar aos mais velhos primeiro

antes de executar qualquer obra que seja, não podem chegar do nada para mexer no solo sagrado, não aceitamos, só queremos fazer como deve ser feito, tem que avisar os Irãs para cederem e fazemos o ritual, para assim, então, construir a estrada, queremos Blom como Bissau. (Djumbai em Maio de 2022).

Por querer aprofundar mais sobre a história que há por detrás do fim de asfalto, nas conversas que tive com outras pessoas já na capital, após a volta do campo, me colocaram em contato com Asprilla Indí, que também é de Biombo, porém da tabanka de Dorce. Apesar da conversa com Asprilla ter acontecido depois das andanças em Blom no tempo linear do Ocidente, trago-a aqui para dialogar com a chegada na tabanka e sustentar a figura 4. Asprilla explicou esses dois lados que soam contraditórios e fazem parte desse caminhar:

Não foi negada a construção das estradas, é de responsabilidade do Estado fazer o seu trabalho, nenhum filho de uma terra impediria a chegada do asfalto, se a ordem vier para asfaltar, assim será feito, filho de Biombo não se contenta em ver estrada asfaltada em outras terras e não em Biombo. E é verdade, sim, que foi acessada a dimensão espiritual para barrar os invasores portugueses na época colonial. O meu pai nos contou que durante a guerra de libertação nacional e expulsão dos portugueses, todos os filhos de biombo regressaram para casa para serem protegidos com a barreira espiritual. Hoje, já não estamos sob controle colonial, e já queremos estrada asfaltada, muitos carros vão para trabalhar e param de funcionar, próprios filhos de Biombo fazem vaquinha para rampar e deixar terra batida, porém o estado impede. Ferramenta da terra foi usada apenas para os colonialistas, hoje o argumento é usado apenas para justificar a não ação governamental. (Djumbai em julho de 2022).

A fala das tias, Ampandi, Njilabah e Kifinhi e do Asprilla quebrou o argumento usado na capital sobre a estrada de Biombo, pois sempre ouvimos na capital que filhos de Biombo recusaram a chegada da estrada por não querer se misturar. O querer e não querer ultrapassam a dimensão humana e física, pois não se trata apenas de querer ou não, mas *como* deve ser feita. O *modo* como entrarão deve estar de acordo com os desígnios da comunidade, dos mais velhos e mais velhas e dos Irãs.

Se nos dizem que agora sim, elas se tornaram necessárias, não podemos concluir, entre lamentos, que já não é como era no *anturdias*. O que estão nos dizendo é que agora elas são necessárias, não como as propõe o Estado, as instituições, mas sim como as necessita a tabanka, como as admitem e autorizam as divindades protetoras. Assim, Blom

nos convida a pensar a reparação. Não o desenvolvimento e suas promessas espúrias, mas a reparação como modo de lidar com um dano efetivamente sentido desde os territórios.

Lidar com essa necessidade de reparar na medida e nos termos estabelecidos desde o chão dos territórios, desde a vida vivida nas tabankas, é o que surge daí. Essas vidas não têm de ser salvas, saneadas, desenvolvidas. Elas constroem e sustentam prosperidades anticoloniais/contracoloniais fundadas em modos de viver autônomos porque amparados em reciprocidades sistêmicas. No entanto, não se trata de voltar a fazer como se fazia, mas de reparar, para que seja possível dar uma volta a mais, sair do tempo de koitadesa, de exaustão e esgotamento instaurado pelo projeto de desenvolvimento atrelado ao colonialismo.

### 3. Considerações finais

Apesar da força das bideiras<sup>15</sup>, atores internacionais como a FAO (Agência das Nações Unidas para alimentação) posicionam-se em lugar protagônico no receituário de superação da fome e pobreza extrema a partir da propagação de princípios agroecológicos. A agroecologia, em seus documentos, aparece tendo *“papéis tão diversos quanto reduzir a pobreza rural, erradicar a fome e a desnutrição, alcançar a agricultura e o desenvolvimento sustentável, melhorar a resiliência da agricultura ao clima, avançar para sistemas menos dependentes agroquímicos externos e o crescente envolvimento do conhecimento tradicional das comunidades locais e indígenas”*.

Mesmo que muitas vezes não usem o termo agroecologia explicitamente, muitos atores e iniciativas baseadas em princípios da dita agroecologia existem na África. Trago esse trecho intrigante da FAO (2015) devido ao *status* que ganham no país, FAO como outras ONGs internacionais se veem como salvadoras das comunidades enquanto que elas se propõem a fazer coisas que as comunidades já faziam. Isso ganha singular expressão nos temas da fome e miséria. Mas essas próprias organizações, foram elas que fizeram

---

<sup>15</sup> São mulheres que se encontram num modelo que é ancestral no continente africano: centrado na produção e venda de alimentos, vendem alimentos para comprar alimentos e vestes dos filhos da comunidade, se encontram nos seus mercados como parceiras e não concorrentes, são mulheres que têm uma relação íntima com o que se nutre a comunidade, mulheres que sempre trabalharam e participaram e participam financeiramente dentro de casa. Mulher bideira tem como responsabilidade o equilíbrio da família, ela é a força da vida, a garantia de sustento, da saúde e da educação da família e da comunidade. É nessa mulher que a comunidade deposita a sua última esperança, para a garantia do pão de cada dia.

com que uma boa parte das populações tradicionais abandonassem essas práticas. FAO envia seus agentes/extensionistas a propagar pelo mundo a homogeneização e incentivo ao lucro pela agricultura e pela alimentação. FAO é um dos responsáveis pela subalternização do modo de produção no meio rural das comunidades e povos africanos, indígenas e comunidade de povos tradicionais, não motivadora da chamada agroecologia como modo de vida, mas do abandono dela por essas comunidades para que assim a levassem de forma “mais promissora”.

Desde o pós independência, além da obrigatoriedade na adoção dos modelos da Europa dos anos 50, impostas aos países africanos que lutaram para independência na década de 50 e 80, viemos recebendo missionários e programas ditos para o desenvolvimento, uma vez que somos lidos como países periféricos que precisam ser ajudados para saírem da tal pobreza - à propósito, criada pela Europa, - com isso vieram propostas de uma agricultura patronal que agride saberes ancestrais locais, destituindo não só as mulheres rurais, mas as comunidades e povos que praticam a chamada agroecologia como uma vida vivida, sensível à nutrição e ao meio ambiente.

Práticas ditas agroecológicas no contexto africano pelo fato de não serem denominadas por esse termo científico regularmente, não significa que não existem, pelo contrário! São os africanos, junto dos outros povos tradicionais ditos de terceiro mundo é que são guardiões dessas práticas ancestrais até nos dias atuais!

Minha ida à diáspora me fez conhecer ou ouvir falar de agroecologia, de produtos orgânicos e outros termos nomeados no ocidente, quando perguntava ou buscava sobre, eu falava “isso é o que cresci vendo ao meu redor”. Ainda questioneei o fato de não nomearmos essas práticas no continente africano, hoje paro para refletir sobre e faço outra pergunta, mas por que deveriam existir outras práticas que sejam essas, só para demarcar a diferença das duas, se a outra é danosa à saúde e ao meio ambiente? Por que os produtos não orgânicos deveriam existir ou ser a regra? Ou então o ato de nomear é se apropriar da ideia para se destacar na corrida de patentes? E qual o porquê dessa corrida em nomear tudo, sem no mínimo sentar para conversar ou ouvir o que o outro lado tem a dizer? E quem somos nós para nomear outras vidas ou alterá-las?

Um dos debates mais frequentes ultimamente no ocidente é sobre alimentação saudável, soberania e segurança alimentar, a retomada e necessidade da agricultura ser sensível à nutrição e não voltada para lucro e mercantilização da terra. O ruim disso é que



as academias estão se apropriando desses discursos e distanciando os dos que realmente o vivenciam. É de conhecimento de todos que viver o hoje e lembrar sobrar para amanhã para que outros possam viver a terra de forma sã, é filosofia de vários povos da terra e das florestas e fazer esses discursos distante destes povos é uma apropriação. Tem um provérbio africano que nos fala assim, “pedi emprestado essa terra aos meus filhos e netos para vivê-la hoje”. O mais bonito desse provérbio é a sua prática no cotidiano africano.

Hoje, no ocidente, os produtos ditos orgânicos têm que ter certificação para quem tiver condições, acesso e consciência do que colocar no corpo e se preocupar com o meio ambiente poder escolher. Uma possível resposta para essas perguntas talvez esteja no deslocar dessas práticas do corpo e da vida. Só uma sociedade que não as tem como cotidiano vai precisar nomeá-las. Quando se vive nessas comunidades guardiãs dessas práticas, a preocupação não é dar nome ao que se está fazendo, pois o processo é tão natural, tão intrínseco, único, faz parte do viver dos seres que pertencem a tal localidade é o cotidiano dessas pessoas: “Vivemos do que a terra nos dá e só somos dependentes do que dela fazemos, se pusermos veneno na terra, ele vai sentar à nossa mesa, se a tratarmos com respeito, teremos comida saudável que nos fará desenvolver de forma sã” (Henriques, 2014).

## **Referências**

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. Online. 2019.

DA SILVA, Maurício Wilson Camilo. **SOMBRA DI POLON: O EMBRIÃO DAS MORANÇAS E TABANKAS DA HERANÇA KAABUNKE**. Arquiteturas Afro-Brasileiras - Um Campo em Construção GT8 - Arquiteturas de Templos Religiosos de Matrizes Africanas. Salvador e Suas Cores 2017.

HENRIQUES, Augusta. “Sociobiodiversidade: A riqueza planetária para a Segurança alimentar e nutricional” (Parte 2). **In: XV Simpósio Internacional IHU "Alimento e Nutrição no contexto dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio"**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=orwcdfOw1Nw>>. Acesso em: 25/03/2023.

MARQUES, Pâmela Marconatto. “NOU LED, NOU LA!” “ESTAMOS FEIOS, MAS ESTAMOS AQUI!” Assombros haitianos à retórica colonial sobre pobreza. **Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 2017.

MACHADO, Dayana C. M; MARQUES, Pâmela M. Miséria. VERBETE. In: **Dicionário de desenvolvimento regional e temas correlatos** (livro eletrônico)/ Marcos Paulo Dhein Griebeler, organizador. 2. Ed. Rev e ampl. Uruguaiana, RS. Editora Conceito, 2021.

\_\_\_\_\_. Pobreza. VERBETE. In: **Dicionário de desenvolvimento regional e temas correlatos** (livro eletrônico)/ Marcos Paulo Dhein Griebeler, organizador. 2. Ed. Rev e ampl. Uruguaiana, RS. Editora Conceito, 2021.

TÉVOÉDJRÈ, Albert. **A pobreza, riqueza dos povos**. São Paulo: Editora Cidade Nova. Co-edição Petropolis: Editora Vozes, 1981.